

MINHA MÃE É NEGRA SIM! A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O TRABALHO COM QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NUMA TURMA DE 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

ANDERSON MATHIAS ALVES DA SILVA

Graduado em Pedagogia no Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA) – PE, mathiasanderson97@gmail.com

LETÍCIA ALMEIDA BATISTA DE SÁ

Graduada em Pedagogia no Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA) – PE, letycya_lety@hotmail.com

SILUANNA MARIA GOMES DE ARAÚJO

Graduada em Pedagogia no Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA) – PE, silusinha@hotmail.com

SIMONE SALVADOR DE CARVALHO

Mestra em Educação Contemporânea pela UFPE/ CAA – PE. Professora na Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA) e docente orientadora do Subprojeto de Pedagogia – Programa Residência Pedagógica, simone.salvador@aesa-cesa.br

1. INTRODUÇÃO

O presente relato foi vivenciado por meio do Programa Residência Pedagógica, vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior - CAPES que, em parceria com instituições de ensino superior e escola públicas, oportuniza a inserção orientada de estudantes em espaços educativos de educação básica.

A experiência aqui apresentada foi vivenciada por meio de aulas on-line, devido a pandemia do Covid-19. Deu-se a partir da inserção de estudantes do Curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA) na Escola Municipal Adalgiza Cavalcanti de Barros Correia, em Arcoverde – PE.

A escolha do tema deu-se a partir da necessidade: a) de vivenciar a Semana da Consciência Negra; b) de abordar questões étnico-raciais com as crianças, diante de questionamentos sobre cor de pele e características físicas que os próprios estudantes têm de si; c) de efetivar e fortalecer o trabalho com a Lei Nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) que tem por finalidade e obrigatoriedade a inserção e o fortalecimento do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, e a luta da população negra no Brasil, dentro do currículo oficial da Rede de Ensino.

Destaca-se, ainda, a necessidade de promover meios para que crianças negras e não negras dialoguem de forma respeitosa sobre as contribuições da cultura africana e afrodescendente, enfatizando sua identidade, costumes, belezas, contextos sociais de luta e resistência, reconhecendo-se como parte deste processo histórico. A relevância da temática justifica-se frente a necessidade de superar condutas de preconceito racial, por meio de atitudes ainda comuns em nossa sociedade. Assim, a escola pode ser este ambiente de perpetuação ou reflexão e superação de práticas de discriminação que afetam o comportamento das crianças. Neste sentido, Gomes (2005, p.147) alerta:

Como podemos pensar a escola brasileira, principalmente a pública, descolada das relações raciais que fazem parte da construção histórica, cultural e social desse país? E como podemos pensar as relações raciais fora do conjunto das relações sociais? Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os(as) educadores(as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes

identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras.

Portanto, é preciso romper o pensamento de que a função da escola está limitada apenas a transmissão de conhecimentos historicamente acumulados, como se estes pudessem ser trabalhos de maneira dissociada da realidade social do país. É nesta perspectiva, que este trabalho buscou: refletir sobre as questões étnico-raciais no contexto escolar, destacando a identidade e a representatividade da população negra, a partir do trabalho com a literatura infantil; analisar como as crianças se identificam a partir de suas características físicas e percepção de si; conhecer as percepções dos(as) estudantes sobre preconceito e racismo; identificar possíveis estereótipos em relação a população negra.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A atividade foi realizada numa turma de 2º ano, durante a Semana da Consciência Negra, no mês de Novembro de 2020, com a utilização da obra da literatura infantil *Minha mãe é negra sim!* (SANTANA, 2008). As aulas aconteceram por meio do *Google Meet*. Como recursos didáticos utilizamos o livro digital, apresentação em slides, papel e lápis de pintar. A realização das ações considerou a pertinência do trabalho com crianças do ensino fundamental, que residem num baixo periférico, com maioria da população negra e muitos aspectos que comprovam vulnerabilidades sociais.

Nesse sentido, buscamos expor o tema, por meio da apresentação da obra, onde o personagem principal do enredo, o menino Enzo, é um estudante negro, que apresenta uma série de questionamentos em relação à sua identidade racial. A partir daí, a vivência das ações deu-se em diferentes momentos:

- Leitura do livro *Minha mãe é negra sim!* Por meio de projeção no *Google Meet*;
- Realização de roda de diálogo: questões abertas sobre o que entenderam da obra, quais partes mais gostaram, etc;
- Questões para resolução, debate e reflexões:
 - Você gosta da sua cor de pele?
 - Você gostaria mudar de cor de pele? Qual cor gostaria de ter?
 - Você já passou por alguma situação igual ou parecida com a de Enzo?
 - O que você achou da atitude da professora de Enzo?

- Apreciação de documentário sobre a Semana da Consciência Negra. Interpretação oral e debate, destacando a origem, finalidades e importância.
- Produção de autorretrato: produção por meio de desenho e pintura de seu autorretrato, identificando nome e cor da pele, apontando como se enxergam com base no que eles aprenderam sobre a constituição de sua identidade e a importância da valorização das diferenças.
- Socialização do autorretrato: apresentação das produções e relato sobre sentimentos e percepções de si. Debate sobre a importância do autorreconhecimento e valorização das diferenças. Reflexões e diálogos sobre situações de *bullying* e preconceitos, cuja vivência se dá, tanto na escola, quanto na familiar e comunitário.

Durante o processo, foi possível perceber a relevância de cada momento, visto que ali estava sendo problematizada a identidade das crianças, além da autocompreensão sobre sua cor, respeito ao próximo e as diferenças na perspectiva das relações étnico-raciais.

Os momentos de debates e devolutivas de atividades demonstraram o interesse e o engajamento de cada estudante. Desde o início, eles(as) expressaram suas opiniões, uns mais tímidos que outros. Por meio das partilhas, falaram sobre gostar ou não de sua cor, de querer ou não mudar de cor, de escolher a cor que gostaria de ser. A maioria, optou pela escolha da cor branca, seguindo de uma partilha lúcida e, muitas vezes, dolorosa sobre suas dores, frutos de ‘brincadeiras’ e vivências cotidianas.

Dentre os participantes, apenas um se reconheceu negro e não mudou de opinião em momento algum. Outra estudante, falou que queria mudar tudo em si: cor, cabelo e físico, uma vez que tanto na escola, quanto na rua onde mora, ser motivo de zombaria por ser negra, ter o cabelo crespo e está acima do peso.

Sobre já terem passado situações semelhantes as de Enzo, todos afirmaram que sim, relatando não só casos de racismo ou discriminação sofrido por eles, como até por familiares e amigos. Um menino contou que sua mãe já tinha sido chamada de ‘macaca’. Outra menina revelou que durante as aulas presenciais, na hora do intervalo um grupinho sempre zombava de seu cabelo. Sobre a atitude da professora de Enzo, todos(as) desaprovaram e ainda deram possíveis sugestões de como ela deveria ter agido e como eles(as) agiriam no lugar do garoto.

Na atividade final – autorretrato - demonstraram criatividade, reconhecimento e respeito a sua identidade.

3. RESULTADOS

A experiência desenvolvida possibilitou a abordagem de temas, como: identidade étnico-racial, representatividade e pertencimento, além de discutir casos de preconceito e *bullying* sofrido pelas crianças, muitas vezes, disfarçados de brincadeiras. O trabalho com a temática, levou-nos a compreender a necessidade: a) do cuidado especial na escolha e organização das atividades, uma vez que as mesmas mexem com dores trazidas pelas crianças; b) da atenção em manter um ambiente acolhedor e receptivo, para que elas sintam-se seguras e respeitadas ao partilhar suas experiências cotidianas; c) do cuidado em observar as reações manifestadas por cada criança ali presente, mesmo que de forma virtual.

Apesar da importância do tema e das características étnico-raciais predominantes na comunidade, percebe-se que a escola ainda limita-se a abordá-lo no mês de novembro. Mudar esta prática, garantindo-lhe maior espaço no currículo é fundamental e urgente, pois estará contribuindo para que as crianças reflitam, valorizem e respeitem a diversidade étnico-cultural, comprometendo-se na construção de uma sociedade mais empática, justa e solidária.

Trabalhar sob a educação para Relações Étnico-raciais, requer o desenvolvimento de ações permanentes, desenvolvendo projetos que não se limitem a datas específicas. Mas, que possam transformar a escola num espaço de acolhimento, valorização e respeito as diferenças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm Acesso em: 01 jun. 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação.** In: MUNANGA, K. Superando o racismo na escola. 2. ed. [Brasília, DF]: MEC, 2005. p.143-154.

SANTANA, P. **Minha mãe é negra sim!** Ed. Padrão. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.